

A Clínica entre o Neutro e a Maranha

Sonia Nassim

A neutralidade do analista sugerida por Freud ocupa lugar de destaque no dispositivo clínico da Nova Psicanálise. A importância da neutralidade comparece com nitidez quando o autor propõe situar no campo do Haver “duas posições que definem a radicalização do aparelho psíquico: a experiência do Neutro e a do multifário emaranhado das formações do Haver” (Magno, 1996: 194). Significando basicamente que, nas operações clínicas, é indispensável reconhecer a posição neutra, ou mais especificamente, o lugar topológico de onde é possível considerar a maranha das formações. É o único lugar desde onde pode haver consideração indiferente.

A Nova Psicanálise concebe o neutro como um **lugar** e uma **experiência**. Segundo o autor: “*não se consegue viver no lugar do neutro, mas se consegue agir a partir dele*”. O lugar do neutro foi devidamente explorado pela Nova Psicanálise que faz da pulsão seu conceito fundamental, pois, nada mais neutro do que a pulsão. A pulsão como força constante imprime no campo do Haver vetores e intensidades. Enfim, falar em neutro é pôr em cena a operação de Revirão e disponibilidade à Hiperdeterminação. Ambos funcionam de acordo com o movimento da pulsão e, só se expressam quando encontram o lugar de intensidade máxima, que, portanto, é neutro.

Enquanto experiência, a referência passa a ser a indiferenciação, que é resultado espontâneo da terceira instância, isto é, do neutro do Revirão e da Hiperdeterminação. Segundo a tópica do recalque (Primário,

Secundário e Originário) pode-se dizer, que estamos no Originário, lugar de alguma independência em relação as formações primárias e secundárias. O processo analítico propõe que se retorne ao “Originário, que não é o que vem primeiro necessariamente, mas sim o **ponto neutro de referência**, sobre todos os eixos, dos demais pontos do plano de projeção, ou de inscrição, na épura do que por aí se escreve como Primário e como Secundário” (Magno, 1996: 115).

Na verdade, é preciso considerar o lugar desde onde se possa visitar uma **neutralidade** e ser afetado por ela, já que o neutro é a base dos exercícios propostos pela clínica da Nova Psicanálise. Única maneira de retornar à consideração das diferenças no seio do Haver. "A invocação do neutro, a tentativa de indiferenciação, se houver alguma, é, portanto, a ética estrita da psicanálise, ou, pelo menos, a técnica fundamental de cura que a psicanálise pode oferecer" (Magno, 1996: 222). Exatamente por isso, o que se estabelece no lugar do neutro é a função analista, como veremos no decorrer do texto.

Observa-se que no Haver aparece o fundo comum, a substância comum de tudo, que é o neutro. Substancialmente as formações têm foco e franja que são feitos de fundo, mas, do ponto de vista de aparência, de emergência, estão separados, destacados, deste mesmo fundo. Isto significa que, enquanto no Haver homogêneo as formações se indiferenciam, ou se neutralizam, com a quebra de simetria, o Haver se fractaliza em formações, e as diferenças passam a dominar. Assim, temos o Neutro enquanto lugar da indiferenciação e a Maranha das formações, suas transas, no lugar das diferenças.

As formações se sobressaem com mais nitidez diante do fundo neutro, permitindo o reconhecimento de suas transas, aberturas e fechamentos. A cada encontro com o neutro, efeito da homogeneização do

Haver, há possibilidade de movimentar a maranha, ou seja, transformar, indiferenciar formações. “Portanto, trata-se de entender que há a possibilidade de considerar, avaliar, ajuizar em neutro. Se emergir, será assim o cérebro da Internet” (Magno, 2003: 330).

Segundo o aparelho da Nova Psicanálise desenhado em Revirão para atingir o neutro é preciso saltar fora das dualidades mundanas, afastar-se da maranha, e se posturar na indiferença, para além das oposições, no lugar terceiro. Não se trata de considerar nem um lado nem o outro, mas sim, a operação de reviramento. O proposto pela ferramenta analítica em Revirão é considerar o terceiro como neutro para além das sobredeterminações. Terceiro que, na verdade, vem primeiro e, é superior aos outros dois que podem constantemente ser avessados. Importante lembrar que, do lugar terceiro, tudo simplesmente há (as flores e as árvores e os montes e o sol e o luar e as gentes e as teorias e os gnomos e fadas e sonhos e quadros e livros e vírus e etc...) como única coisa possível, como unário, sem transcendência, sem complementaridade. Ou seja, a concepção do aparelho é monista, embora, só compareça como dualista.

Entretanto, a tarefa do processo consiste em indiferenciar as formações, pois, há imposição permanente de avessamento no psiquismo, resultante da unilateralidade do Haver. A possibilidade de salto inscrita no próprio movimento d'ALEI, resulta em saltar fora do binário do mundo em direção a Indiferença do unário. Daí tudo se cria, todas as diferenças, todas as multiplicidades. Todas as diferenças são produzidas pela mesmíssima estância: a estância da Indiferenciação, do unário e neutro.

Quando há **Terceiro lugar**, o que existe não é coincidência de nada, e sim uma *Indiferença* das oposições: fica-se indiferente a elas, mantendo-as em seus lugares. Dentro da teoria e da prática analíticas, é a única possibilidade que vejo de chegar à indiferença dos opostos, à *neutralidade* que Freud supunha poder ter o analista. Não há possibilidade de manter o conceito de neutralidade do analista senão pela análise dessa pessoa ter atingido uma indiferença das oposições.

Ou seja, de, para além de mal e bem, ela poder escutar qualquer coisa (Magno, 2018: 5).

Magno cita Maurice Blanchot que também pensou o neutro: “neutro como algo que diz respeito ao “nem... nem...” – nem isto nem aquilo – como se o Neutro operasse a maneira de uma recusa entre dois termos, agindo sempre segundo o jogo da oposição, mas não se deixando definir em nenhum dos polos opostos” (Blanchot, 2011: 68). Para ele, o neutro não é pensável, ele aparece na extremidade do pensamento fazendo frente ao impossível. Importante sublinhar que Blanchot inclui na exposição sobre o neutro o convite ao salto.

Curiosamente, também para a Nova Psicanálise, só um salto de percepção nos dá acesso à única “saída”: a de que não há saída alguma, pois, não há saída do Haver. No entanto, há a possibilidade de saltar da maranha em direção ao neutro. O salto, a tentativa de saída, encontra no Neutro, no Unário, o recurso indiferenciante em relação às formações. Sem saída possível do Haver, retorna-se, de uma maneira diferente, isto é, já acrescido com o entendimento de que há o neutro funcionando como lugar operacional para lidar com as formações.

Como não há coincidência de opostos. O que há é a possibilidade de saltar fora e se posturar na indiferença entre oposições. Bem mais perto de uma situação **paralém de mal e bem**. Não é tomar o mal e o bem e misturá-los num mesmo saco. **Nem** mal **nem** bem. Sem nomear nem para um lado nem para outro (Magno, 1996: 195).

O conceito que garante a possibilidade de salto é o de Hiperdeterminação. Além das sobredeterminações freudianas, a reformatação da Nova Psicanálise inclui a **Hiperdeterminação**, cuja função é zerar a série sobredeterminada das formações e reprogramar tudo novamente. O aspecto relevante da lógica da hiperdeterminação é que é ela faz emergir a referência Inconsciente como Indiferença, como neutro, fundo da materialidade homogênea do Haver. Assim, para além da

maranha, temos a oportunidade de suspensão da hiperdeterminação. A HiperDeterminação, sendo a possibilidade de ocorrência de neutralização no conjunto das forças que existem em dada situação. Ou seja, o **neutro** funcionando como lugar adequado, porque a máquina assim o produz, de **suspensão** dos lugares dentro da maranha. “A HiperDeterminação invoca o fundo homogêneo para deslocar tudo. A própria diferença, ou seja, as formações do Haver, acaba sendo comovida pelo fundo neutro” (Magno, 2005: 142). Com a rememoração da HiperDeterminação, ficamos com o poder de analisar, ou seja, de dissociar todas as siderações. Isto aumenta nossa potência em muito. Trata-se de um exercício, uma ascese, que amplia a disponibilidade para o acontecimento novo.

Além da complexidade da maranha há o neutro que aponta para a perplexidade do Inconsciente, isto é, do Haver, que é indiferente as formações. O empuxo pulsional de saltar fora desrecalca a experiência psíquica fundamental: a **exasperação** da havência em relação ao impossível não-Haver. Uma exasperação que costuma estar recalçada pelas formações primárias e secundárias e, portanto, cabe ao processo analítico desrecalcar essa referência Real. “Um Real apresentado como puro espelho, enquanto motor, princípio mesmo, da catoptria, que deve ser considerado como **neutro**, como indiferenciado” (Magno, 1996: 194).

O aparelho da Nova Psicanálise concebe a estrutura do psiquismo como função reflexiva do espelho em detrimento da função especular, explorada por Lacan. A aposta na mente como *Revirão* desloca nosso ponto de vista focado na maranha para o movimento avessador do espelho, que é NEUTRO. Logo, o espelho é uma prótese neutra que comparece como superfície indiferenciada e unilátera ao se extremar o desejo de impossível.

Estar no neutro, estar no Haver, longe da maranha, solto das

pressões sintomáticas, equivale a suspender descrições ou conteudizações. A tarefa do processo seria de desrecalcar o lugar da indiferença do espelho como vazio, e desconfigurante em relação as formações. Infelizmente não se mora muito tempo em nenhum lugar de neutralidade, já que “há todo o lastro de Primário e Secundário fazendo empuxo, peso, gravidade, no sentido da exigência de lidarmos com as diferenças que se apresentam no cotidiano” (Magno, 1996: 198).

Porém, em se tratando de uma Pessoa, constituída de polo, foco e franja, é bom lembrar que, também há o fundo. É aí, no fundo, no lugar do **Neutro**, que encontramos sua verdadeira identidade, uma singularidade, simplesmente **havendo** e não **sendo**. Sua identidade não está situada em nenhuma das formações, mas sim na experiência traumática de simplesmente Haver, separada da maranha. A Pessoa Real está inarredavelmente submetida à Alei a partir de sua experiência de Haver, e inapelavelmente em Solidão. Lá na experiência de não-senso radical, no núcleo impessoal de cada Um, antes do dois, somos **ninguém**, apenas **havemos**. No entanto, ao tentarmos descrever esta experiência, somos lançados na maranha, que não é outra coisa, senão o campo do **Ser**. A experiência de Haver é um lugar paradigmático desse teorema, ela deixa as pessoas sem chão, no neutro, distanciada da maranha.

Esta é sua experiência fundamental. Cada Pessoa enquanto Real encontra sua verdadeira identidade em sua posição no Haver. Identidade esta que não é descritível, jamais comparece explicitada nas formações do Ser, do dizer, da cultura, etc., pois é ela que causa o movimento. Minha posição singular causa em mim o movimento de dizer minha singularidade, mas não consigo explicitar minha identidade, não é possível, pois aquilo não tem fim. A falação é infinita (Magno, 2007: 99).

Uma experiência dissolvente em relação as figurações, inclusive, no que diz respeito a ideia de personalidade, nos devolvendo a chance de

incluir algum indiscernível no discernível. Muitos pensadores como Sócrates, Pirro e Diógenes, escritores e poetas, mestres do budismo, místicos ocidentais como Boehme e Eckhart, mostraram o caráter provisório de nossas convicções e devotaram um considerável esforço crítico para deslocar suas próprias certezas e as de outros também. Não foi à toa que este aparelho fez da experiência de não senso, neutra e indiferente, a referência fundamental. Principalmente porque, faz toda a diferença operar com os sintomas tendo por referência sintomas ou tendo por referência a experiência de Haver. “A experiência direta, imediata, de que venho falando há tempo, que se pode ter desse lugar é o que chamo experiência de Haver” (Magno, 2001: 271).

No processo analítico o neutro como lugar é fundamental, pois, só se afastando da maranha surge a possibilidade de melhor considerar as formações em jogo. "A experiência de Haver não me põe neste lugar, mas me deixa frequentar, às vezes, esse lugar" (Magno, 1990:122). Na verdade, a única maneira de frequentá-lo é destacar das formações de uma Pessoa, a formação analista, “produzida em análise e conhecimento, enquanto polo e foco da conjuntura chamada análise. Ela é o que há que funcionar com-siderando qualquer formação que transe com ela, seja do analisando ou do analista” (Magno, 2009: 79).

Ao encaminhar o processo analítico para o Cais Absoluto e lá chegar, temos a chance de desrecalcar a formação neutra e, portanto, analista, cuja função é com-siderar formações e suas transas. A ênfase não está nem no analista nem no analisando, mas no **lugar** de onde emerge a possibilidade de transa entre os dois. A formação analista situada e referenciada ao Cais Absoluto (lugar neutro do Revirão e da Hiperdeterminação) conduz o processo tendo de com-siderar as formações tanto do analista quanto do analisando, com suspensão, suspeição e Indiferenciação.

A função da formação analista de com-siderar transas de formações, isto é, de ana-lyse, exige o reconhecimento de que: tudo o que venha a comparecer de qualquer maneira, sob qualquer combinação possível de circunstâncias – seja como sonho ou realidade, ciência ou ficção, fenômeno, representação, objeto ou coisa-em-si, já **Há**. Comparece necessariamente como “havente”, antes ainda que se saiba “o que é” ou “como é” aquilo que efetivamente já Há. Por isso, há uma anterioridade lógica do nível do Haver em relação ao nível do Ser. “Em primeiro lugar, Há o Haver, como trauma bruto, brusco, como silêncio, como horror, terror e êxtase... quando começamos a tentar falar sobre o Haver já decaímos para o nível do Ser, o nível do discurso, da falação, da simbolização e do sentido – que é onde se debatem ciências, teorias, religiões e o próprio mundo cotidiano do Teatro Social”. (Magno 2015: 165).

A havência, a singularidade, comparece com a rememoração do fato bruto de Haver, do Haver como homogêneo, sem atributos, crenças ou definições. A havência de cada um é neutra, pura presença, sem passado nem futuro. A condição de possibilidade de escapar da alienação e lidar *ad hoc* com as formações exige a rememoração de simplesmente haver. Seria o caso de insistir e perguntar: como referenciar-se ao lugar do Um, do Haver, do neutro e viver na multiplicidade, nas diferenças? Como manter a lembrança do Um, como considerar tudo a partir do Um, quer dizer, do neutro, sem Deus, sem nenhum Sujeito, apenas, Havendo. Afinal, fazemos análise para lembrar que havemos, independente de qualquer designação.

Uma coisa é a experiência de **neutralização** de um processo que estou passando; outra coisa é me lembrar disso e tentar operar, por exemplo, a partir do Secundário e em relação a ele mesmo, é claro, e mesmo em relação ao Primário, com a lembrança, a referência, da indiferenciação. Pode-se dizer que a viagem à indiferenciação, diante de um processo de diferença exacerbada em razão sintomática, é bastante diversa da experiência de referência a essa experiência já tida

em outros campos para exercitar até mesmo o movimento de voltar lá (Magno, 1996: 201).

Obviamente que para manter a lembrança da experiência fundamental é preciso memorá-la, a ponto de jamais esquecê-la. A formação analista precisa insistir em manter vivo o exercício de “voltar lá”, à região indiferenciante. Segundo Magno, Freud separa intelectual de afetivo inutilmente, pois, estão juntamente incluídos na experiência. Para esta clínica, a diferença se encontra em outro lugar. Uma coisa é deparar-se com o fato inarredável de que tudo simplesmente **há** como anterior a qualquer **ser**. Outra, é operar na maranha, fazer a ana-lyse das formações, tanto primárias quanto secundárias, tendo como referência o Haver. A tarefa do processo analítico, sua operação possível implica em manter a disjunção entre Haver e Ser.

Quando no trauma de estar diante desse troço do qual não fazemos a menor ideia, chamamos isso de Haver: seu trauma é a coisa que está aí. Mas quando começamos a falar dela, já entramos em outro regime. Haver é experiência em seco, trauma em estado puro. O Haver é o Real, a disponibilidade toda que, no esquema, situamos no lugar do Real do trauma, mas que, no Haver propriamente dito, não tem lugar, é tudo junto, uma batida só (Magno, 2006: 82).

O Haver como neutro, indiferente, comparece como experiência de um lugar longínquo, em abismo, infinitude e eternidade. Após memorar a experiência de Haver, é preciso manter sua lembrança para usá-la como base nos procedimentos analíticos de lidar com as formações *ad hoc*. Sobretudo porque, no processo: "o que interessa é constatar, agoraqui, a constituição da formação, o seu *como*, e lidar com aquilo no sentido da indiferenciação" (Magno, 1996: 240). Por outro lado, há a tentativa perene de descrever a experiência, nomeá-la, que se encontra do lado do Ser. “Haver e Ser são constituição de uma Pessoa, a qual é Haver Sendo” (Magno, 2006:103). No Haver ela há, no Ser, ela apenas é.

A análise é estabelecer a radical distância entre Haver e Ser e abdicar de Ser, o que não aquilo. Quando falo dos usos *ad hoc* das situações, é isto. Se me derem uma farda, sou alferes. Há tempo chamo atenção para o lugar do **ator** – quando há ator –, que é o de recolher-se à indiferença e a partir dela Ser qualquer coisa (Magno, 2006: 104).

Cabe acrescentar que, para a clínica da Nova Psicanálise, o neutro assim constituído, como lugar e experiência, regula tanto a estupidez como a loucura. Termos utilizados por Fernando Pessoa em um poema que explicita as duas. Se respeitarmos demais a estupidez estamos confinados aos recalques. Por outro lado, se tentarmos ir além dos limites estabelecidos pelo recalque corremos o risco da loucura. Logo, é preciso artificializar nossos movimentos pois estamos sempre em risco absoluto. Eles estão investidos de poder pela determinada situação circunstancial da rede que os constitui. E porque eles têm poder, *é preciso negociar com eles a cada passo*.

Fernando Pessoa, junto com muitos outros que disseram a mesma coisa, sempre nos avisou que é preciso escolher, **ou a estupidez ou a loucura. A estupidez é de quem fica, o bicho come. A loucura é de quem corre, o bicho pega**. Estou me perguntando se há que escolher entre a estupidez e a loucura ou se há **um fingimento de andar** que o bicho não pense que você está correndo e também não ache que você esteja ficando. Como se anda diante do bicho para ele não pensar nem uma coisa nem outra? Se é que isto é possível. Mesmo porque ele sempre pode achar que qualquer mínimo movimento seja uma corrida. Como pode achar também que qualquer mínima suspensão é uma parada. Estamos sempre em risco absoluto (Magno, 1996: 232).

Ao recalcaros exacerbadamente o lugar do neutro estamos investindo na estupidez, ou seja, na hipóstase deste lugar, acoplando Haver e Ser. Já não é mais a formação analista que ocupa este lugar, mas sim, alguma outra formação poderosa que obstrui o lugar originariamente neutro. Põe-se “algum retrato no lugar do discreto Haver, instituindo assim, o aparelho psicotizante da nossa cultura contemporânea. Aparelho que impede as pessoas de operar a disjunção, tendendo ao hiper-recalque”

(Magno, 2000/2001: 277).

Ao contrário, para adquirir lucidez e se afastar da loucura é preciso negociar com as formações sem descanso, negociação interminável que se sabe negociação. É habitar o *entreato*, o *intermédio*, o espaço “indecidível”, quer dizer, ter como referência o neutro, o terceiro. Não é uma tarefa fácil, nem uma “ciência exata”. É uma *negociação*, e, como tal, envolve apostas, investimentos, estratégias, avanços e recuos, perdas e ganhos. Envolve presença de espírito a cada “*aqui e agora*”. Na verdade, estamos sempre numa corda bamba estendida entre dois abismos, entre dois “vales”: a estupidez e a loucura. Não adianta “ir além” das circunstâncias e se esquecer de negociar com elas, porque elas vão cobrar o preço.

No decorrer do processo, com o atravessamento da análise propedêutica, que implica visita ao Cais Absoluto, temos acesso ao neutro. Antes disso, o trabalho concentra-se em abrir formações a ponto de fazer surgir o que estava recalcado, isto é, o neutro, a possibilidade de indiferenciação. O final da análise propedêutica implica no entendimento e o reconhecimento do neutro, da indiferenciação. Após o acesso à hiperdeterminação, é possível reconhecer que o campo das formações não exclui o neutro, já que, é ele que comove as formações e permite movimentá-las. Depois da experiência, retorna-se à maranha com a inclusão da possibilidade de indiferenciação, pois, só depois de rememorar o trauma de Haver, podemos usar o neutro, a indiferença como referência para operar com a maranha. A partir daí entende-se que a análise é infinita e, só resta exercitar para sempre a possibilidade de indiferenciação.

“A estada no Haver, enquanto Real de minha situação, é a mesma para qualquer pessoa. Não estou dizendo que todos sejam iguais perante a lei ou perante o Real, e sim que todos são a mesma, só há uma. As pessoas

são únicas” (Magno, 2011: 47). Deste lugar neutro as afetações são suspensas ou, pelo menos, há condições de suspendê-las, indiferenciá-las e só considerar as formações que estão em jogo. “De preferência, sem afetação e podendo separar os elementos, ou seja, as formações que constituem essas formações. Isto é análise, *ana-lysis*: tomar uma formação, separar e debulhar em suas pequenas formações constituintes” (Magno, 2009: 80).

É no sentido de levar um analisando até o reconhecimento da possibilidade de indiferenciação, ou seja, da possibilidade de começar a ser capaz de indiferenciar. É o reconhecimento de seu poder de indiferenciação, o qual, como já disse, é reminiscência, com ou sem Platão: a anamnese de algo que está lá disponível para uso e que, com frequência, ele é incapaz de usar por ser um colonizado, por referir-se às formações colonizadoras, e não a seu princípio fundamental. Análise Propedêutica é, pois, descobrir, desvelar, relembrar, fazer a anamnese desse poder que lá está disponível. Se alguém já desvelou isto e precisar de ajuda, continua-se a ajudá-lo, mas deveria ter vergonha e se referir a isso que descobriu como poder (Magno, 2005: 77).

Entretanto, o entendimento desse lugar só advém no final da análise propedêutica com a rememoração da experiência de Haver e seu poder de arrasar a tábula e disponibilizar a emergência de novas formações. Só depois de muita faxina, de retorno ao Haver, com o entendimento do que foi recalçado, inicia-se a análise efetiva onde a função analista ocupa o lugar do neutro, ou seja, começa a ser capaz de indiferenciar cada vez mais. Não há possibilidade de manter o conceito de neutralidade do analista senão pela análise dessa pessoa ter atingido uma indiferença das oposições. Com a indiferenciação amplia-se bastante a disponibilidade de uma Pessoa.

Trata-se, portanto, de disponibilizar a pessoa para o movimento. É a diferença que faço entre a Análise Propedêutica e Análise Efetiva. Durante o processo da primeira, a pessoa não se vira sozinha, engasga, é preciso vir alguém para empurrá-la. Aliás, ninguém vai revirar todos os aspectos de sua vida só porque fez análise, e nem precisa. Precisa, sim, ter a possibilidade disto mediante sua Análise Efetiva. Se ela

percorre um caminho no qual já pode se virar, isto significa que, diante das situações, a máquina já está acostumada, já está com a musculatura forte para começar a operar e se segurar. O que imagino como excelência é, automaticamente, sem a pessoa perder o chão, ela bater o olho e revirar. Ela fica na dela, mas vendo tudo. É difícil, não conheço ninguém assim, mas é possível que exista ou que haja alguém se encaminhando para isso (Magno, 2005: 53).

Referências

- MAGNO, MD. [1996] “*Psychopathia Sexualis*”, editoraufsm, 2000
- _____. [2000/1] *Revirão 2000/2001*, NovaMente editora, 2003
- _____. [2003] *Ars Gaudendi*, NovaMente editora, 2006
- _____. [2005] *Clavis Universalis*, NovaMente editora, 2007
- _____. [2006] *AmaZonas*, NovaMente editora, 2009
- _____. [2009] *Clownagens*, NovaMente editora, 2012
- _____. [2011] *SóPapos 2011*, NovaMente editora, 2016
- _____. [2015] *SóPapos 2015*, NovaMente editora, 2017
- BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita*, Escuta editora, 1986